

Em vídeos, políticos pregam desobediência a leis ambientais

Deputado posta destruindo correntes; parlamentares da Amazônia incentivam crimes e invasões a terras indígenas

Fabiano Maisonnave

MANAUS Olhando para a câmera e rodeado de madeireiros de Rorainópolis (RR), o senador Telmário Mota (PROS-RR) se dirige ao superintendente da Polícia Federal do Amazonas, Alexandre Saraiva, e vociferava: "Você vai pagar, eu vou pra cima de você".

A declaração, de outubro do ano passado, foi dada em reação à Operação Arquimedes, que desarticulou um esquema de extração ilegal de madeira na região amazônica. Foram apreendidos cerca de 400 contêineres no porto de Manaus, e cumpridos mandados de prisão e de busca e apreensão em sete estados e no Distrito Federal.

A PF não se manifestou sobre o ataque do senador.

Há décadas, políticos locais da região da Amazônia mantêm ligações com infratores ambientais, grileiros e invasores de terras indígenas. Com a ascensão à Presidência da República de Jair Bolsonaro (sem partido), crítico das leis ambientais e da fiscalização fei-

ta pelo Ibama, alguns passaram a defender abertamente ações criminosas e a atacar agentes do Estado.

Levantamento da Folha mostra que, nos últimos meses, ao menos seis políticos com cargos públicos de quatro estados aparecem em vídeos apoiando ou realizando ações sem respaldo legal.

O caso mais recente é desta sexta-feira (28). Empunhando uma motosserra, o deputado estadual Jefferson Alves (PTB-RR) aparece destruindo uma barreira usada para fechar a BR-174 (Manaus-Boa Vista) durante a noite, em trecho que corta a Terra Indígena (TI) Waimiri-Atroari.

A restrição ao uso da estrada é feita pelos próprios indígenas desde 1997, quando o Exército, que cuidava desse controle, se retirou das duas barreiras. O objetivo é assegurar a tranquilidade das aldeias à noite e impedir arrombamentos de animais. Há um apelo em tramitação sobre a abertura ao tráfego nesse trecho da Justiça Federal. "Se depender de mim, essa



Deputado destrói barreira que restringe acesso à terra indígena Waimiri-Atroari e, ao lado, cerimônia em aldeia da região. Reprodução e Raphael Alves/TJ-AM

corrente nunca mais vai deixar o meu estado isolado. Presidente Bolsonaro, é por Roraima, pelo Brasil", esbraveja Alves no vídeo, segurando a corrente rompida.

Em ofício enviado à PF e à Funai, o Ministério Público Federal (MPF) no Amazonas exorta os dois órgãos a adotar medidas de segurança devido à ação de Alves.

Outro parlamentar roraimense a gravar um vídeo do tipo foi o senador Chico Rodrigues (DEM). No início deste mês, ele foi a um garimpo ile-

gal na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Ali, elogiou a extração desordenada de ouro, que, segundo lideranças, está contaminando igarapés e promovendo a entrada de drogas e álcool à região.

No Pará, o senador Zequinha Marinho (PSC) chamou de "servidores bandidos e malandros" os agentes do Ibama que atuam na fiscalização da Terra Indígena Ituna/Itatã, localizada perto de Altamira.

Alvo de grileiros, esta é a terra indígena mais desmatada no ano passado em todo o

Brasil. De 2018 a 2020, foram 112 km² desmatados (o equivalente a 71 parques Ibirapuera, em São Paulo), segundo o Sistema de Alerta de Desmatamento, da ONG Imazon, sediada em Belém.

Em fevereiro, Marinho gravou um novo vídeo. Nele, anunciava, depois de uma reunião com o Ministério Público Federal, que a fiscalização na terra indígena estava suspensa. O MPF, porém, desmentiu o senador.

No Acre, o governador Gladson Cameli (PP) foi filmado

extortando moradores do município de Sena Madureira a não pagar multas ambientais emitidas pelo Imac (Instituto do Meio Ambiente do Acre) "porque quem está mandando agora sou eu". O vídeo é de 31 de maio do ano passado.

Segundo levantamento do ISA (Instituto Socioambiental), houve em Sena Madureira 2.574 alertas de desmatamento nos meses de junho e julho, 225% a mais do que nos mesmos meses de 2018.

Para a ONG, há uma relação de causalidade entre a declaração do governador e o avanço sobre a floresta.

"Antes, nossos produtores rurais viviam traumatizados pelos excessos cometidos nas gestões anteriores, que ultrapassavam a própria legislação", disse Cameli à época ao justificar a declaração.

Em Rondônia, o deputado estadual Sargento Eyder Brasil (PSL) gravou um vídeo em que acusava o ICMBio, órgão de preservação ambiental, de desviar madeira em Espigão d'Oeste. "Esses bandidos, esses canalhas, eles só podem achar que rondoniense é tudo tobo [idiota]", disse.

Coincidência ou não, algumas das regiões mencionadas pelos parlamentares registraram incidentes contra agentes ambientais. Em Espigão d'Oeste, um caminhão-tanque a serviço do Ibama foi queimado em julho. Em Rorainópolis, um madeireiro foi morto no início deste mês durante troca de tiros com o PM, que apoiava agentes do Ibama.

Já na terra indígena Ituna/Itatã, um antropólogo boliviano e ligado a Zequinha Marinho foi detido e algemado do Ibama para a fiscalização do terro, também neste mês.

Leia mais sobre terras indígenas na pág. B7, de Ambiente

Pfizer APRESENTA

Quanto antes MELHOR

Diagnóstico precoce de doenças raras permite melhorar a qualidade de vida dos pacientes e a dos seus familiares

O dia mundial das doenças raras coincide com um dia também raro: 29 de fevereiro, que ocorre somente em ano bissexto. A data tem o objetivo de sensibilizar a população, órgãos públicos, médicos e especialistas para a importância do diagnóstico precoce.

O Brasil adota o conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS) para definir doenças raras: aquelas que atingem até 65 pessoas entre 100 mil indivíduos. Isoladamente, afetam poucas pessoas, mas, no conjunto, são muito relevantes. A estimativa é que 350 milhões de indivíduos no mundo sejam portadores de doenças raras (mais que a população dos EUA). No Brasil, 13 milhões.

Há cerca de 8.000 tipos de doenças raras no mundo, a maioria de difícil diagnóstico e com poucas opções de tratamento.

Para Regina Próspero, cofundadora do Instituto Vidas Raras, o fundamental é ter muita persistência. "A jornada é longa e há muita falta de informação. É preciso ter perseverança, lutar e buscar as alternativas de tratamento", afirma.

Regina teve dois filhos portadores da mucopolissacaridose. Se tivesse desistido diante da falta de informação e se conformado com os prognósticos, seu filho Luis Eduardo não teria se formado em direito e em administração de empresas. Deficiente físico, auditivo e visual por consequência da doença, ele recuperou a audição graças ao tratamento. Regina também não teria conseguido dar a qualidade de vida ao filho mais velho, Niltinho, que morreu aos seis anos em decorrência da doença. Ela diz que, embora tenha sido uma vida breve, foi uma vida com qualidade.

Luis Eduardo, que é concursado pela prefeitura de Itápolis, está licenciado para dedicar um ano de trabalho ao Instituto Vidas Raras. O instituto, fundado em 2001, trabalha no desenvolvimento de políticas públicas, no apoio a portadores de doenças e seus familiares e na disseminação de informações sobre as doenças raras.

Regina entende que a melhor forma de ajudar quem tem uma doença rara é compartilhar o co-

nhecimento sobre ela. "Quando os pais chegam ao instituto, estão destruídos psicologicamente. É gratificante ver como saem após receber informações e estímulos. Ganham forças para lutar pelos seus filhos e para investir no tratamento."

Para a diretora médica da Pfizer, Márcia Dulcine, um dos maiores desafios é chegar ao diagnóstico mais rapidamente. "Os médicos precisam estar atentos à possibilidade de uma doença rara, já que muitos sintomas se confundem com os de doenças comuns. Por isso é tão importante a conscientização da classe médica, assim como da sociedade e do governo. É preciso comunicar a todos com informações relevantes e confiáveis, para que o diagnóstico seja rápido", diz.

No Brasil, como forma de ampliar a assistência a esses pacientes, desde 2014 foram publicados mais de 30 Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para doenças raras, com foco nas enfermidades consideradas prioritárias.

EstúdioFOLHA: projetos patrocinados

Terapia gênica avança e traz esperança

Os medicamentos disponíveis hoje são eficazes para controlar algumas doenças raras, mas a terapia gênica é a grande aposta para o futuro. "Por ser um país bastante miscigenado, muitas doenças raras acometem os brasileiros", diz Regina Próspero, do Instituto Vidas Raras.

"Todo tratamento é muito bem-vindo, mas somente 3% das doenças têm tratamento medicamentoso hoje. Desse percentual, só 0,0002% tem alguma terapia gênica incorporada. Sabemos que existem muitas em fase de desenvolvimento, mas que vão demorar até chegarem à população".

Regina frisa que é importante conscientizar os familiares a preservarem a saúde dos portadores de doenças raras para que estejam aptos a receber essa terapia quando estiver disponível. "Estamos na iminência de conseguir terapias revolucionárias".

Antoine Daher, presidente da Casa Hunter, reconhece que o cenário do tratamento de doenças raras no Brasil avançou muito nos últimos cinco anos. "É uma causa que tem muito apoio entre parlamentares", diz.

A Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doenças Raras, instituída em 2014 pela portaria 199, serviu para aumentar a conscientização. "Estamos relativamente bem no cenário mundial, pois o SUS já incorporou 12 medicamentos para doenças raras", afirma Daher.

RARAS, MAS DE GRANDE IMPACTO

O QUE SÃO DOENÇAS RARAS?

- Afetam até 65 pessoas em cada 100 mil indivíduos
- São de difícil diagnóstico
- Geralmente são crônicas, progressivas e incapacitantes, podendo ser degenerativas e fatais

350 milhões de pessoas no mundo são portadoras de doenças raras (mais do que a população total dos EUA)

13 milhões no Brasil (mais do que a população da cidade de São Paulo)

8 mil são os tipos diferentes de doenças raras em todo o mundo

5% contam com algum tipo de tratamento aprovado

75% afetam crianças

30% morrem antes dos cinco anos de idade

CAUSAS

80% têm origem genética/hereditária, mas existem outros fatores, como infecções bacterianas ou virais, alérgicas e ambientais

TRATAMENTO

Não existe cura, mas há medicamentos capazes de reduzir complicações e sintomas ou impedir o agravamento de algumas doenças

EstúdioFOLHA: projetos patrocinados

Ateliê de produção de conteúdo para estratégia de marcas e mercado publicitário em todas as plataformas | ESTUDIO.FOLHA.COM.BR